

“Realmente não sobrou nada”, comenta Maren. “Você queimou tudo até o chão.”

Eu sei que deveria sentir vergonha. Os únicos restos do assentamento são algumas estruturas carbonizadas. Até a igreja desapareceu completamente, reduzida a cinzas

e levada pelo vento constante. Apenas alguns túmulos do cemitério permanecem, destacando-se nos arredores agora dizimados, os últimos sinais de humanidade entre os pinheiros e canelos tortos e o ocasional guanaco.

Eu reprimo um arrepio. Ainda posso sentir o gosto do sangue daquele animal. Lembro-me de

ser um monstro e passar fome, como se minhas entranhas estivessem comendo minha alma —

pelo menos, o que restava dela.

Mas o que eu realmente estava faminto era por Larimar.

E estando aqui agora, todos os sentimentos voltam à tona.

Você está bem? A voz de Abe desliza em minha mente, sempre preocupada.

Eu engulo em seco e dou o menor aceno. Não quero falar sobre isso, nem na minha mente, nem nunca, nem mais. Uma coisa era tentar lutar com meus sentimentos, aceitar o que aconteceu naquela noite fatídica e os anos de degeneração depois. Outra coisa é estar aqui de novo, navegando pela vila onde minha vida inteira desabou pela segunda vez, deixando meu coração sangrando e minha mente fraturada em minhas mãos.

E agora que sei que traçamos um curso para encontrar Larimar, tudo se tornou mais importante e assustador do que nunca.

Não contei a Abe o que Maren me disse algumas semanas atrás: que Larimar é sua irmã. Não confio nele para não bater as gengivas, especialmente agora que sei que ele é suscetível ao rum. Sempre soube que ele tinha uma fraqueza, mas não achei que fosse o grogue horrível que eles preparavam a bordo.

Não, guardei para mim.

Fiquei pensando no conhecimento de que ver Larimar novamente não é uma tarefa infrutífera. Minha obsessão em encontrá-la nos últimos anos existiu apenas na escuridão do meu coração. Sonhei com o que faria com ela se a encontrasse, como a faria sofrer. Eu queria mordê-la, beber seu sangue, contaminar ela. Eu queria mantê-la acorrentada novamente, pregá-la na parede, ter certeza de que ela não poderia sair. Eu não cometeria o mesmo erro novamente. Eu negaria

as pernas dela, faria com que ela ficasse com o rabo, e eu foderia aquela boceta de qualquer maneira.

Eu queria fazê-la sangrar.

Por mim.